

BLUMENAU EM CADERNOS



TOMO XX — No. 2
FEVEREIRO de 1979

CANTO DOS COOPERADORES

A Fundação "Casa Dr. Blumenau" torna público o seu sincero agradecimento pelo generoso apoio financeiro, de estímulo à publicação desta Revista, recebido de:

Artur Fouquet - Blumenau
Banco do Estado de São Paulo S. A. - Banespa
Buschle & Lepper S. A. — Indústria e Comércio
Casa Flamingo Ltda.
Casa de Móveis Rossmark S. A.
Cremer S/A. - Produtos Têxteis e Cirúrgicos - Blumenau
Cia. Comercial Schrader S/A. - Blumenau
Companhia Industrial Schlösser S/A. - Brusque
Companhia Souza Cruz Indústria e Comércio - Blumenau
Consulado Alemão - Blumenau
Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A. - Blumenau
Electro Aço Altona S/A. - Blumenau
Fritz Kuehnrich - Blumenau
Georg Traeger - Blumenau
Imobiliária «D L» Ltda.
Indústria Têxtil Companhia Hering - Blumenau
João Felix Hauer - Curitiba
Lojas NM Comércio e Ind. Ltda.-Itoupava Seca - Blumenau
Lindner, Herwig, Shimizu - Arquitetos - Blumenau
Madeira Odebrecht Ltda. - Blumenau
Malharia Blumenau S/A. - Blumenau
Malharia Maju S/A. - Blumenau
Moellmann Comercial S/A. - Blumenau
Relojoaria e Ótica Schwabe Ltda. - Blumenau
Sul Fabril S. A. - Malharia e Confecções - Blumenau
Tipografia Baumgarten Ltda. - Itoupava Seca - Blumenau
Tabacos Brasileiros Ltda. - Blumenau
TEKA - Tecelagem Kuehnrich S/A. - Blumenau
Tipografia Centenário Ltda. - Blumenau

BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XX

FEVEREIRO DE 1979

Nº. 2

— S U M Á R I O —

	Página
MEMORÁVEL SESQUICENTENÁRIO	34
SUBSÍDIOS A CRÔNICA DE BLUMENAU	36
A "FREIWILLIGE FEUERWEHR ZU JOINVILLE"	43
ACONTECEU	46
FIGURA DO PASSADO	48
A VIDA SOCIAL E RECREATIVA EM NOSSA COLÔNIA	51
SUBSÍDIOS HISTÓRICOS	53
O TEATRO EM BLUMENAU IV	54
FRITZ MÜLLER NA MEMÓRIA DA CIDADE	56
ESTANTE CATARINENSE	58
A OPINIÃO DOS QUE NOS VISITAM	59

BLUMENAU EM CADERNOS

Fundação de J. Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina
Propriedade da FUNDAÇÃO CASA DR. BLUMENAU

Diretor responsável: José Gonçalves - Reg. nº. 19

ASSINATURA POR TOMO (12 NÚMEROS) Cr\$ 80,00

Número avulso Cr\$ 5,00 -- Atrasado Cr\$ 10,00

Assinaturas para o exterior Cr\$ 80,00 mais o porte Cr\$ 100,00 total Cr\$ 180,00

Alameda Duque de Caxias, 64 - Caixa Postal, 425 - Fone: 22-1711

89.100 - B L U M E N A U - S A N T A C A T A R I N A - B R A S I L

CAPA — A primeira igreja matriz de Blumenau. Bela construção em estilo gótico, de autoria do arquiteto Henrique Krohberger. Sua construção foi iniciada em 2/12/1923 e foi concluída no dia 15 de agosto de 1926. A partir de 1928, teve nova torre, inaugurada com sinos e relógio, estes adquiridos por Frei Gabriel Zimmer, por Rs. 9:490\$00 e pesavam (só os sinos) 2.988 quilos.

Memorável sesquicentenário

ELMAR JOENCK

Rolândia, Janeiro de 1979.

Em março próximo, Políticos e Imprensa badalarão mudanças de Governo deste País. Por essas e outras circunstâncias, neste março de 1979 um sesquicentenário poderá ser indevidamente esquecido.

É sabido que a riqueza e o valor de grande parte desta nossa Pátria formaram-se graças a numerosas levas de imigrantes. Setenta anos de imigração japonesa, sesquicentenário da imigração alemã ao Rio Grande do Sul, colonização italiana — tudo comemorado e publicado.

Março de 1829 marca o início da primeira colonização alemã em Santa Catarina: precisamente no hoje ainda Distrito de São Pedro de Alcântara, no município de São José, a uns 40 km de Florianópolis.

Só 20 anos mais tarde (1850) é que o Dr. Blumenau iniciava outra colônia no vale do Itajaí, que não foi a primeira nem a segunda com imigrantes alemães em Santa Catarina. Antes de Blumenau, outros núcleos teuto-brasileiros haviam surgido na Província Barriga-Verde. Foi de São Pedro de Alcântara e de cerca de meia dúzia de já existentes outras colônias que se mudaram para a colônia do Dr. Blumenau famílias e mais famílias que foram iniciar o que é hoje o industrioso Vale do Itajaí e adjacências.

Joinville e Blumenau têm o mérito de terem concentrado muitos brasileiros descendentes de alemães. O mérito, porém, de núcleo inicial cabe a São Pedro de Alcântara, bucólico Distrito alcançável por torturosa estrada de terra indicada por uma placa da BR-101, nas alturas de São José.

Sociólogos, repórteres, homens de TV e até economistas teriam bons flagrantos a descobrir e relevar se saíssem um pouquinho (35 km) da área urbana de Florianópolis. Se não para outros interesses ou mensagens — pelo menos para mostrar ao Brasil a expressão ainda simples da veneranda “freguesia” nascida em março de 1829 e que foi o 1º. berço de brasileiros filhos de alemães em terras de Santa Catarina.

Como berço, nunca foi egoísta. Gerações e gerações nele nascidas saíram Santa Catarina a fora semeando progresso em novos desbravamentos. Em seu agora sesquicentenário — qual berço antigo e abandonado — São Pedro guarda as épicas recordações dos primeiros filhos de cerca de seiscentas (600) pessoas embarcadas em Bremen, com o irônico destino do “Desterro”, então nome da capital da Província de Santa Catarina.

Cento e cinquenta anos. Quatro a cinco gerações de famílias numerosas ramificadas hoje Brasil a fora. E a sexta geração nem fa-

la mais o alemão; desconhece a história de suas origens. Na escola aprende sobre Guerras Mundiais, Revolução Francesa, Guerra do Paraguai, Descobrimento do Brasil... A professora não diz quem descobriu o Brasil em 1829. Quem (lá de S. Pedro) foi Voluntário da Pátria. Quem dos primeiros colonos dali serviu no exército de Napoleão ou qual o parente-soldado que morreu pelo Brasil, na Itália...

Educação e História — hoje é TV... até lá. Até agora, a poluição sonora e visual ainda não desfigurou a velha freguesia. Seus regatos e montes, luzes e cores inda são cristalinos.

Repórter, sociólogo ou historiador (quem quer que for lá neste sesquicentenário) leva àqueles retiros alpestres a nostalgia desta “ave que volta ao ninho antigo” ao emitir este atávico gorjeio.

.....

São Pedro de Alcântara (1829 — 1979), Munic. de S. José
(A 1ª. colônia alemã de Santa Catarina: sesquicentenário em
março de 1979)

BIBLIOGRAFIA (*)

(Encontrável na Biblioteca “Fritz Mueller” de Blumenau, Biblioteca Pública de Florianópolis, Biblioteca da Univers. de Santa Catarina e talvez na Biblioteca Nac. do Rio de Janeiro).

COUTINHO, Afrânio — Brasil e Brasileiros de Hoje, 2 vols., 1961, Rio.

ENTRES, Gottfried — Gedenkbuch zur Jahrhundertfeier der Deutschen Einwanderung in Santa Catharina, Stuttgart e Florianópolis, 1929. (*)

MATTOS, Jacinto Antônio de — Colonização do Estado de Santa Catarina. Dados históricos e estatísticos (1640 — 1916), Florianópolis, 1917.

PAIVA, Padre Joaquim Gomes de Oliveira e... — Memória Histórica sobre a Colônia Alemã de S. Pedro D’Alcântara, na “Revista do Inst. Histórico e Geográfico Brasileiro”, Rio de Janeiro, 1848. (*)

REITZ, Padre Raulino — Frutos da Imigração, Brusque - SC, 1963. Salvo engano, o autor é atualmente vigário na localidade de Itapema (perto de Camboriú), SC. (*)

SCHMITT, Frei Elzeário — A Casa dos Jasmims, ed. do autor, 1975. Endereço (1979) do autor: cx. postal, 75 — 83.300 — Piraquara, PR. Ainda do mesmo autor: (*)

“A Primeira Comunidade Alemã em Santa Catarina”, menção honrosa do Concurso “Thomas Mann”, Rio, 1973. — Edit. “Blumenau em Cadernos”, cx. p. 425 — 89.100 — Blumenau, SC.

TAUNAY, Afonso d’Escagnole, Visconde de... — Em Santa Catarina Colonial, São Paulo, 1936.

(*) obras de maior interesse jornalístico para uma possível reportagem sobre o sesquicentenário (março de 1979).

Subsídios à Crônica de Blumenau

(Segundo noticiários dos jornais da época)

Por FREDERICO KILIAN

1895 — 30 DE MAIO. A visita do Governador Hercílio Luz a Blumenau teve um cunho especial, por ter sido sua viagem de Itajaí a Blumenau realizada a bordo do novo vapor "BLUMENAU" que nesta ocasião fez sua viagem inaugural e aportou pela primeira vês em Blumenau. O acontecimento deu-se pelas 21:30 hs. do dia 30 de Maio de 1895, e o vapor, além de feericamente iluminado, estava festivamente embandeirado, apitando, em ritmo de "morse" o sinal de chegada. Apesar do baixo nível do rio Itajaí, mormente no trecho do Belchior, e a escuridão da noite, foi com grande destreza que seu comandante o conduziu até esta cidade sem qualquer incidente, ficando assim provada a sua dirigibilidade e reação à pressão do leme, bem como ao controle da velocidade impulsionaada pela máquina.

1895 — 25 DE DEZEMBRO. No 1º. dia de Natal os bugres assaltaram a casa que serve de alojamento ao pessoal que trabalha na construção de Estrada da Serra e assassinaram aí traiçoeiramente os jovens trabalhadores Carl Hahnemann e Carl Klegien, que estavam sosinhos na casa. Ambos foram mortos com flechadas e golpes de faca, sendo que até talharam a nuca de Hahnemann. Os bugres que dias antes já haviam molestado os moradores com pedradas contra a casa, levaram, além das roupas que encontraram nesta, muitos outros objetos e também um fuzil Mauser com 80 cartuchos, cortaram o fio telegráfico em vários lugares e danificaram os toscos móveis da casa. Este foi, em curto espaço de tempo, o segundo assalto na estrada da serra. O Comissário de Polícia, Presidente da Câmara de Vereadores e o Superintendente Municipal apelaram ao Governo do Estado, exigindo medidas enérgicas para que tais fatos não se produzissem mais.

1896 — 11 DE JANEIRO. De Tijucas comunicam que os bugres assaltaram a localidade de Major e mataram com uma flechada no peito o morador José Marcolino.

1896 — DIAS 25 E 26 DE MAIO. (2ª. e 3ª.-feira de Espírito Santo). Realiza-se a tradicional festa de atiradores da Sociedade de Atiradores de Blumenau, com tiro ao alvo e ao pássaro.

Compareceram a esta festa, além dos numerosos sócios também grande número de convidados, notadamente da Capital do Estado, entre estes o Governador Hercílio Luz, mas também das sociedades de Joinville, Brusque e Itajaí, para compartilharem dos festejos organizados pela referida sociedade. À noite do dia 24 (domingo) realizou-se no jardim público uma retreta e no dia seguinte houve a mar-

cha festiva, partindo da atual Rua 15 de Novembro até à sede da Sociedade de Atiradores, iniciando-se a disputa aos títulos de Rei e I^o. e II^o. cavalheiros pelas 9 horas, com magníficos resultados, pois nada menos do que 21 tiros atingiram o círculo central do alvo. O melhor tiro foi dado pelo senhor Luiz Altenburg Senior que assim conquistou o título de Rei do tiro, enquanto que os títulos de I^o. e II^o. cavalheiro coube aos senhores Carl Rothbarth, com 35 pontos e Wilhelm Behnke, com 33 pontos. Após a proclamação dos laureados, houve um banquete festivo. O presidente da sociedade, Sr. Henrique Probst cumprimentou os convivas vindos da capital e das cidades vizinhas, tendo o Sr. Bracklow agradecido em nome dos mesmos. O Sr. Carlos Renaux dedicou um brinde especial ao novo Rei do Tiro e aos seus cavalheiros. O Sr. Pedro Christiano Feddersen, por sua vês, enalteceu as boas relações de amizade e camaradagem existentes entre os sócios da Sociedade de Atiradores de descendência germânica e lusos, estes aí representados por dois ilustres sócios de longa data, o Dr. Paula Ramos e Dr. Hercílio Luz, aquele figurando na galeria dos reis de tiro ao alvo da sociedade e êste, mesmo exercendo o alto cargo de Governador do Estado, que não deixara de comparecer, como já o tem feito no ano anterior, deixando o palácio governamental, para compartilhar com os consócios, da festa de sua sociedade, terminando o orador o seu discurso com um vibrante viva a estes dois ilustres sócios da "Schützengesellschaft". Agradecendo em nome dos homenageados, o Sr. Francisco Margarida desejou à Sociedade de Atiradores um glorioso futuro e crescente desenvolvimento. Pelas 3 horas da tarde iniciou-se o tiro ao pássaro o qual resistiu à fuzilaria até a tarde do dia seguinte, quando afinal com um tiro de mestre o Dr. Bonifácio Cunha arrebatou o último pedaço do nodoso lenho, sendo o Dr. Cunha ruidosamente aclamado e cumprimentado, com o mesmo entusiasmo e alegria como anos antes fora cumprimentado o Dr. Paula Ramos, ao consagrar-se rei, por contar a sociedade novamente com um rei de descendência lusa.

Durante estes dois dias de festa foi grande o movimento nas dependências e pátio da sociedade, onde os mais variados entretenimentos eram oferecidos a velhos e jovens e ao elemento feminino, principalmente na terça-feira as dependências estavam superlotadas, verificando-se, ao baile, que à noite foi aberto com a tradicional "polonaise", que o salão recémconstruído era muito pequeno para o grande número de dançarinos. Já alvorava a quarta-feira quando terminou o baile para o alívio dos incansáveis músicos que durante dois dias brilhantaram as festas.

1896 — 6 DE JUNHO. Comunicam de Desterro que a firma Hoepcke & Cia. inaugurou sua fábrica de pregos, movida com um motor de 10 HP. O governador Hercílio Luz visitou a nova fábrica cumprimentando os diretores da firma Hoepcke por mais este fator de progresso do Estado.

1896 — 1º DE AGOSTO. Chegaram a Blumenau alguns engenheiros espanhóis para iniciarem os preparativos dos trabalhos para a exploração das minas de prata e de chumbo do Garcia. Consta que em breve deveriam chegar cerca de 50 mineiros.

1896 — 23 DE AGOSTO. Faleceu nesta data, com a idade de quasi 67 anos, o Sr. Anton Haertel, um dos mais antigos moradores de Blumenau e que exerceu as mais variadas funções públicas. O Sr. Haertel foi, ha tempos, funcionário da Direção da Colônia e durante muitos anos Escrivão do Juizo de Paz e Secretário da Câmara Municipal. No ano de 1881, quando do surgimento do "Blumenauer Zeitung", êle assumiu a redação do mesmo, dirigindo-a durante 9 anos.

1897 — 6 DE MARÇO — Desfile carnavalesco. Relata o jornal que no domingo, 28 de fevereiro realisou-se um desfile carnavalesco, com figuras e carros alegóricos, alusivos a acontecimentos e fatos blumenauenses. Abriu o desfile um palhaço a cavalo anunciando a chegada do préstito. Este foi encabeçado por um arauto a cavalo, portando um estandarte. Seguiu-se um grupo de 7 indios a cavalo, bem caracterizados e que foram muito aplaudidos. Um carro, com uma canôa cheia de agua, dentro da qual alguns operários quebravam pedras, simbolisava e criticava o serviço da desobstrução do leito do Itajaí no trecho do Belchior.

Outro carro conduzia uma personalidade alcunhada de "Infame", cuja caracterização era tão perfeita que muitos pensavam ser ela em propria pessoa; a seguir vieram cavaleiros representando os revolucionários, esfarrapados, enquanto que um carro, seguido por um general a pé representava a artilharia revolucionária. Um carro, trazendo o distico "Dr. Eisenbart & Cia." continha um grupo mostrando seus instrumentos cirurgicos: uma seringa enorme, torquez de ferreiro, martelo, machadinha, serrote, etc., não faltando uma máquina de eletrizar, para eletroterapia; outro carro, tendo pendurado uma lanterna de carro de mola e um menino movendo uma moenda, representando um gerador elétrico, criticava a iluminação pública; seguiram-se outros carros e grupos fantasiados e, por fim um carro com um par de noivos espanhóis e outro com dois árabes. — Tomando-se em consideração de que a idéia de se organizar tal préstito, surgira apenas três dias antes e, ante a dificuldade de se obter no comércio o material adequado necessário, é digno de louvor ao grupo de jovens e homens que levaram a cabo, em tão pouco tempo, tal desfile que foi um verdadeiro sucesso. Tencionou-se formar uma sociedade carnavalesca para, com maiores meios e mais tempo, organizar para o ano seguinte novo desfile com atrações maiores à festa do rei momo. Um baile bem concorrido no salão do teatro finalisou a festa de carnaval desse ano.

1897 — 20 DE MARÇO. Noticia o jornal desse dia que fundou-se em Blumenau o Clube Carnavalesco "Filhos do Inferno", ao qual já se filiaram muitos como sócios. A direção foi entregue aos

Srs. Francisco da Cunha Silveira, Francisco Margarida, Hermann Baumgarten, Erich Gaertner, Ricardo Scheffer, Leopoldo Knoblauch e Jacob Schmidt.

1897 — Quinta-feira, dia 8 de Abril foi entregue ao público o serviço telegráfico para a cidade de Lages.

1897 — 1º. DE MAIO. Fonógrafo Edison. Os Srs. Kretzschmar & Koehler exibiram no salão do Teatro "Frohsinn" esta nova invenção do norteamericano Edison, denominada Fonógrafo. Apresentaram peças da orquestra de 30 músicos, de Nova York, canções e couplets. O publico mostrou grande interesse. As representações foram repetidas nos dias 1, 2, 3 e 4 no salão "Teutonia" e nos dias 7, 8, 9 e 10 no Indaial. Quarta-feira à noite o "Côro Misto" local executou duas cantigas que foram gravadas e logo em seguida retransmitidas, o que causou grande admiração e satisfação aos presentes, e principalmente aos componentes do côro ao ouvirem, vindo do aparelho, suas próprias vozes, nitidamente diferenciando-se muito bem as vozes dos solistas.

1897 — Segunda visita do Governador Hercílio Luz a Blumenau.

Segunda-feira, dia 17 de Maio de 1897, às 5 horas da tarde, chegava a Blumenau, o governador Dr. Hercílio Luz, com sua família, acompanhado do General Câmara, Horácio Nunes Pires, Diretor da Instrução Pública, Capitão Livramento, deputado estadual e Tenente-Coronel Gastão Cotrim, Comandante da Polícia Estadual. Grande massa popular aguardava os ilustres visitantes no cais do porto, onde os alunos dos estabelecimentos escolares, com seus professores haviam se postado, formando filas de ambos os lados da rua de acesso. Ao som da banda de música e espoucar de foguetes, o vapor "Blumenau" se aproximava do cais, onde a população acenava com lenços e chapéus aos ocupantes do vapor.

Ao desembarcar, todos queriam abraçar o governador, o que demonstrava tratar-se realmente mais da expressão de regosijo manifestada ao receber

um velho amigo do que da pessoa do governador do Estado, pois Hercílio Luz, que vivera muitos anos entre os blumenauenses, era por estes considerado como um dos seus concidadãos. Inúmeras flôres foram oferecidas ao governador e membros de sua família pelas senhoras e moças que os aguardavam. Puxado pela banda de música o préstito que se formou, dirigiu-se ao Teatro "Frohsinn", onde foi oferecido ao governador um banquete, no qual tomaram parte cerca de 70 convidados especiais. Após os cumprimentos apresentados ao Governador e sua comitiva, pelo deputado Luiz Abry, em nome do município, o Dr. Hercílio Luz, em seu discurso, disse que, nos longos anos de convivência com blumenauenses, veio a conhecer e estimá-los cada vez mais, pelos seus trabalhos e o amor dedicado à esta terra e que nunca esqueceria a sua lealdade nos di-

ficeis tempos em que lutaram pela legalidade e a ordem, ameaçadas pelas hordas revolucionárias, servindo com coragem ao Estado e ao Brasil. O Sr. Margarida cumprimentou o General Câmara, enaltecendo as suas qualidades de militar e republicano. Em resposta o General Câmara disse sentir-se feliz em vir conhecer esta população, cujo patriotismo e lealdade ao governo já lhe fôra atestado por muitos de seus camaradas de farda, terminando por brindar pelo progresso de Blumenau. O Senhor Livramento, relatou em longo discurso o quanto Blumenau já contribuíra para o progresso do Estado, dedicando-se à lavoura e indústria, bases dos valores comerciais e econômicos da região, sendo já hoje um dos principais fatores da situação econômica do Estado. O Sr. Feddersen agradeceu em nome do município, frizando em seu discurso, que talvez os ilustres visitantes já tenham tomado conhecimento dos infamantes artigos publicados nos jornais do Rio, onde acusam Blumenau de querer formar um Estado aparte no Estado. Declarou em nome de todos os blumenauenses ser isto uma insinuação infâme, pois a população laboriosa, ordeira e patriótica da colônia, outra coisa não deseja e tem em mente, do que gozar dos mesmos direitos e respeito como qualquer outro cidadão brasileiro de outra procedência os tem pela constituição e leis do país. O blumenauense empenha-se em colaborar hombro a hombro com os brasileiros nativos de outras descendências, com o seu trabalho honesto e árduo, no desenvolvimento e pro-

gresso do Brasil, finalizando o seu discurso com um viva à República e à pátria brasileira. Novamente com a palavra o deputado Sr. Livramento, disse como todos êles haviam recebido com emoção e satisfação, das mãos dos escolares as flores e votos de boas vindas e que desejava um próspero futuro para esta jovem geração de brasileiros e que a mesma seguisse sempre o exemplo de seus pais, engrandecendo o país com o seu amôr ao trabalho e à ordem. O Sr. Luiz Abry, agradecendo a estas palavras, enalteceu que para a formação de úteis cidadãos, não era só a sua atividade no labor da terra fértil, muito mais necessário se tornava, dar à juventude uma bôa instrução escolar, fator êste até agora muito descuidado pelo governo, quer do Estado, quer federal, pois o município, com os seus múltiplos problemas de estradas e obras públicas numa vasta área de colonização, não estava em condições de manter, sózinho, uma rêde escolar como a que é exigida pelo crescido número de crianças carentes de escolas, espalhadas pelos mais longínquos recantos da colônia, se bem que os próprios colonos não se descuidavam da educação de seus filhos e de lhes dar a necessária instrução escolar, fazendo grandes sacrifícios em tempo e dinheiro, para manter uma escolinha em cada povoado, porém lutando ingentemente com a falta, principalmente, de professores, notadamente para o ensino do vernáculo e em geral a falta de livros didáticos para esta matéria; que aproveitava a ocasião da presença do Governador do Estado e do Diretor da Ins-

trução para apelar novamente para que este problema fosse encarado com seriedade e resolvido, para que futuramente não se venha culpar estas crianças de não saberem falar e escrever corretamente a lingua vernácula e somente o idioma que aprenderam no colo de suas mães e no convívio de seus companheiros de infância, pois as duas únicas escolas mantidas pelo Estado, em acanhadas salas, na sede do município, eram insuficientes para os milhares de alunos em idade escolar e não fossem as escolas, como já disse, mantidas pelos próprios colonos, teríamos uma geração de analfabetos. O Sr. Nunes Pires, em seu discurso, agradecendo às explanações do Sr. Abry, disse que, desejando a essa juventude todo o bem, não deixaria de dar, na medida do possível, a proteção à sua formação intelectual. O consul alemão, Sr. Salingier, em seu discurso disse que, como êle próprio, a maioria dos alemães aqui imigrados, já eram naturalizados e consideravam esta terra, sua nova pátria, esforçando-se, com o seu trabalho no engrandecimento da mesma, para o bem de seus próprios filhos. Declarou, que infelizmente um grupo de desafetos à imigração alemã, talvez mal informados ou intencionalmente insinuados por elementos alienígenas, tementes da concorrência comercial, combatiam a imigração alemã e os imigrantes, sob a afirmação de que êstes não se adaptam aos costumes brasileiros e à integração na vida nacional, mas isso não era verdade, se bem que os elementos vindos da Alemanha, conservando os costumes de seus an-

tepassados, nem por isso deixavam de ser um bom cidadão e um fator decisivo no progresso do Brasil, igual aos lusitanos, que conservando as tradições dos portugueses, se tornaram brasileiros, amantes desta terra. Lembrou a atuação patriótica dos batalhões de voluntários da pátria, que partiram daqui aos campos de batalha na guerra do Paraguay, mesmo nenhum dêles tivesse aqui nascido, deram o seu sangue e sacrificaram a sua saúde, em defesa da terra que haviam escolhido para sua nova pátria e berço de seus filhos. Seu brinde dedicou às boas relações entre o Brasil e a Alemanha. O brinde final e de honra foi dedicado pelo Sr. Feddersen ao Presidente da República, Sr. Prudente de Moraes. Ao se findarem estas homenagens, foi apresentado, na Rua das Palmeiras, um feerico espetáculo pirotécnico.

Com referência a está visita do governador Hercílio Luiz, a sua comitiva mandou publicar no jornal "Blumenauer Zeitung" N^o. 22, de 29 de Maio de 1897, os seguintes

AGRADECIMENTOS

Os abaixo assinados cumprem o grato dever de manifestar publicamente o quanto se acham penhorados pelo hospitaleiro e cordialissimo acolhimento recebido n'esta culta e bella cidade, devido ao cavalheirismo da patriótica comissão do Partido Republicano que a nada se poupou afim de tornar a sua estada aqui cada vez mais agradável e repleta de confortos.

A patriótica comissão foi

perfeitamente secundada no seu "desideratum" pela gentileza e actividade do sympático Snr. Theodoro Lüders, proprietário do Hotel Brasil, o qual com sua família desvellaram-se sem cessar em bem tratar aos abaixo assinados.

Recebam, pois, todos os ditos senhores os sinceros agradecimentos e um saudoso abraço dos que levam gravadas para sempre as lembranças dos momentos agradáveis que aqui passaram.

Blumenau, 26 de Maio de 1897.

Horacio Nunes, Director-Geral da Instrucção Pública; Arthur C. Livramento, Capitão; Gastão

B. Cotrim, Coronel; Estanislaú Pamplona, Capitão.

Os infra assignados, passageiros do vapor "Blumenau", de Itajahy para Blumenau e vice-versa, nos dias 17 e 26 do corrente mez, não podem deixar de bem salientar o cavalheiroso tratamento que lhes dispensou o digno comandante d'aquelle vapor, cidadão Alfredo Canto que mostrou-se incançável em obsequiá-los.

Itajahy, 26 de Maio de 1897.

Horacio Nunes, Director-Geral da Instrucção Pública; Capitão Estanislaú Vieira Pamplona, Engenheiro Militar; Capitão Arthur C. do Livramento, Tenente Coronel Gastão de B. Cotrim.

ESTATÍSTICA DAS OBRAS REALIZADAS PELA S. O. S. U. DURANTE O ANO DE 1978

A Secretaria de Obras e Serviços Urbanos da Prefeitura de Blumenau, apresentou, neste mês de Fevereiro, ao Prefeito Municipal Dr. Renato de Mello Vianna, e através do Departamento de Obras Públicas, um relatório das obras efetuadas durante o ano de 1978.

De acordo com o citado relatório, é a seguinte a relação dos serviços realizados, que superaram, em vulto, cerca de 100 por cento ao que foi efetuado em 1977:

Tubos colocados, 25.289 metros; macadamização, 113.184 metros cúbicos; movimento de terra, 191.832,00 metros cúbicos; patrolamento de ruas, 2.610 quilômetros; capinação e roçada, 1.938.430,00 metros; abertura e limpeza de valas, 125.192,00 metros; recuperação de calçamento, 24.768,00 metros quadrados; construção de caixas coletoras, 487; pavimentação a paralelepípedos, 15.200,00 metros quadrados; abertura e prolongamento de estradas, 4.366 metros quadrados; retificação e alargamento de estradas, 18.640,00 metros quadrados; construção de galerias, 138 metros; bueiros, 295 metros; pontes de concreto, 6; pontilhões de madeira, 6.

A “Freiwillige Feuerwehr Zu Joinville”

II

(Conclusão)

Elly Herkenhoff

A 11 de fevereiro de 1895 o Corpo de Bombeiros entrou em ação pela primeira vez para apagar um incêndio, irrompido na casa comercial e na residência do comerciante Carlos Schneider, à rua do Príncipe. Mas, a rigor, não foi então que os nossos bombeiros tiveram o seu “batismo de fogo”, pois já em 1893, quando da Revolução Federalista, passaram eles por duras provas. Era seu comandante, desde 16 de agosto daquele ano, um antigo sub-tenente alemão, Felix Heinzelmänn. A partir de 22 de setembro, quando os primeiros rebeldes aportaram em S. Francisco, nos navios “República” e “Pallas”, a situação em Joinville foi se agravando cada vez mais, até que, a 1º. de novembro, o general Piragibe, chegando do Sul à frente de 5 batalhões de revoltosos pretendeu aliciar não só o Corpo de Bombeiros, como também os componentes da Sociedade de Atiradores e da Sociedade de Ginástica de Joinville — duas associações fundadas nos primórdios da Colônia Dona Francisca, a primeira sob o nome de “Schuetzenverein Joinville” (Sociedade de Atiradores Joinville), a 26 de dezembro de 1855 e a segunda sob o nome de “Deutscher Turnverein zu Joinville” (Sociedade Alemã

de Ginástica de Joinville), a 16 de novembro de 1858, como primeira agremiação de ginástica em toda a América do Sul.

“Um por todos, todos por um”.

Imbuidos pelo espírito desse lema, unidos pelo espírito de sacrifício a toda prova, bombeiros, atiradores e ginastas cerraram filas, opondo-se ao engajamento nas forças revolucionárias — criando porém, com tal atitude de sassombrada, uma situação extremamente perigosa para toda a comunidade, à mercê das tropas e assim ameaçada de saque, violação e fuzilamentos em massa.

O general Gumercindo Saraiva, o terrível e temido “degolador”, já estaria bem próximo de Joinville... O general Argoílio, por sua vez, viria imediatamente do Planalto para a batalha decisiva, a ser travada em Joinville... O general Piragibe estaria decidido a mandar transportar para o alto do Boa Vista meia dúzia de canhões e de lá do alto “pulverizar” a cidade, caso os joinvillenses resistissem ao engajamento nas forças rebeldes...

Estes e outros mil boatos fervilhavam pela cidade, quando ao anoitecer daquele dia, o comandante Heinzelmänn se dirigiu ao quartel do general Piragibe, para

levar o “Não” decisivo, enquanto mensageiros a cavalo percorriam todas as nossas estradas, mobilizando todos os colonos, os quais já prevenidos — abandonaram o arado na roça, e imediatamente empunharam todas e quaisquer armas disponíveis: espingardas, pistolas, machados, facões, foices, enxadas — e até mesmo sólidos porretes, para encetarem, naquela mesma noite, a já prevista “marcha dos mil colonos”, em defesa de Joinville.

Mas, diante da atitude inflexível do comandante Heinzelmann — atitude talvez inesperada e, por isso, desconcertante — o general Piragibe não só retirou a sua exigência, mas investiu o comandante nas funções de chefe da segurança, responsável pela ordem e disciplina em Joinville, ao mesmo tempo que deu instruções às suas tropas, proibindo, sob pena de fuzilamento imediato, quaisquer atos contra a vida e a propriedade da população.

Assim, bombeiros e atiradores foram, durante meses, até a retirada definitiva dos rebeldes, os patrulheiros, os defensores permanentes de Joinville — com muito sacrifício da parte de cada um dos componentes da patrulha, diurna e noturna, sobretudo da parte daqueles que já tinham encargos de família e poucos recursos financeiros.

Um dos bombeiros participantes, o então jovem Alexander Doehler, nos deixou extenso relato dos acontecimentos. E, além do relato, escreveu um resumo

em forma de poesia, na qual nos conta o que foi aquele dia de Todos os Santos em Joinville — poesia esta recitada pelo autor por ocasião do 25º aniversário do Corpo de Bombeiros, em 1917 e que, pelo exemplo de civismo e disciplina que encerra, deve aqui ser traduzida, em homenagem àqueles que, numa hora das mais difíceis de nossa história, arrostraram mil perigos, preservando assim, a sua — a nossa Cidade, fiéis ao compromisso assumido, de cumprir com os deveres de bombeiro, de ajudar, sem distinção da pessoa que de auxílio necessitar.

Eis a poesia de Alexander Doehler:

Achava-se nossa cidade
certa vez em grande apuro,
ameaçada de saque e morte,
por forças vindas de fora.

A guerra civil deflagrada,
vinha do Sul, alcançando
a nossa querida cidade,
causando medo nos lares.

Veio do Sul primeiro
um general, comandando
cinco batalhões de soldados,
armados até os dentes.

Ordenou o recrutamento
de todos os nossos jovens,
atiradores, ginastas, bombeiros,
como reforço de seus regimentos.

E os lanceiros a cavalo
galopavam pelas ruas,
aumentando a cada instante
o pavor de nossa gente.

Houve alguns maricas,
que, de trouxinha pelo braço,
tentaram pôr-se a salvo,
mas os bombeiros deram alarme.

Os bombeiros valorosos
acorreram ao chamado,
na hora de proteger a cidade,
com fervor, ação e coragem.

No largo da igreja se postava
o comandante dos bombeiros,
rodeado pelos camaradas
atentos à sua palavra.

E falou o comandante:

“Companheiros! O general orde-
[na,
que acompanhem suas tropas,
participando, assim, da guerra.

Eu, porém, não vejo motivo
para fazermos a guerra,
portanto vamos em defesa
de nossos bens, de nossos lares”.

Decidiram por unanimidade,
que o corpo de bombeiros
defenderia a cidade,
e não participaria da guerra.

O comandante agradeceu o apoio,
levou ao general o recado:
o Corpo de Bombeiros Voluntários
não se deixa obrigar a nada.

E quando o comandante ia
ao general dos revoltosos,
um jovem bombeiro falava:
“Senhor comandante, e se por a-
[caso,

Por ventura, o senhor for preso,
o que será, caso não volte?”

O comandante, muito grave:
“Ali está o segundo comandante”.

O general por sua vez, no entanto,
já havia sido avisado,
que os bombeiros voluntários
defenderiam a cidade.

E quando o nosso comandante
lhe confirmava o recado,
o general tentou com ameaças,
mas o comandante retrucava:

“Caso o general empregar a força,
juro, por minha honra que mil
[homens
reforçarão o corpo de bombeiros,
no decorrer de poucas horas”.

Diante dessa atitude
o general, contempORIZANDO,
retirou a ordem — talvez pensan-
[do:
no fim, ainda tenho sorte.

E o general na mesma hora
nomeou o comandante,
agente de segurança
de nossa querida cidade.

Assim de repente a cidade
estava fora de grande apuro,
salva pela ação dos bombeiros,
de saque, extermínio e morte.

E quando do Sul chegaram
sanguinários, os desordeiros,
aqui muito bem se portaram,
pois da ordem zelaram os bom-
[beiros.

Dia e noite guardaram os bombei-
[ros,
sem cessar, os bens e os lares,
mantendo exemplar disciplina,
até a retirada das hordas.

Assim, meus companheiros,
salvou a nossa cidade,
o espírito dos bombeiros,
em situação de enorme gravidade.

Continue pois o nosso lema,
como sempre: “Em Honra de
[Deus”,
e na hora do perigo,
sempre: “Em Defesa do Próximo”.

ACONTECEU...

Janeiro de 1979

— 9 DE JANEIRO — É assaltada e arrombada a Joalheria e Ótica Bayer, à rua 15 de Novembro, sendo furtadas, da mesma, jóias no valor aproximado de quatrocentos mil cruzeiros.

.....
— 15 DE JANEIRO — Um curto-circuito nas instalações elétricas do depósito de cereais do agricultor Walter Krutsch, residente no distrito de Itoupava, causa incêndio e destrói o depósito e os cereais nele estocados.

.....
— 16 DE JANEIRO — Um menino de nome Jorge, parece afogado no Ribeirão Itoupava, na localidade de Itoupava Central.

.....
— 17 DE JANEIRO — Relatório divulgado pelo Prefeito Renato Vianna mostra que a Companhia de Urbanização de Blumenau — URB — pavimentou, em 1978, 168.824 metros quadrados, em 76 ruas de onze bairros, com o que aquela companhia urbanizadora colocou-se em primeiro lugar no Estado de Sta. Catarina como empresa de pavimentação.

.....
— 19 DE JANEIRO — É aberta a exposição do artista plástico brusquense Jorge Grimm, na Galeria Municipal de Artes.

.....
— 19 DE JANEIRO — A imprensa blumenauense divulga estatística do INPS agência local sobre o movimento registrado em 1978: consultas clínicas, 249.861. Exames de laboratórios: 59.871. Internações: 29.478. Fisioterapia e outros atendimentos complementares de emergência, com pequenas cirurgias: 183.696. Serviço odontológico: 124.610 atendimentos. Serviços radiológicos: 30.871.

.....
— 20 DE JANEIRO — É lançado o concurso “Rainha dos Balneários de Santa Catarina de 1979”, promoção da TV-Coligadas e Jornal de Sta. Catarina.

.....
21 DE JANEIRO — Inicia-se, na FURB, o vestibular da ACAFE.

.....
— 22 DE JANEIRO — O Joinville Esporte Clube é homologado, pela Federação Catarinense de Desportos, campeão catarinense de 1978.

.....
— 23 DE JANEIRO — Sai o listão dos 5.390 aprovados nos exames supletivos do Estado de Santa Catarina.

.....
— 23 DE JANEIRO — O Cel. Aviador Alamiro Pereira dos

Santos assume o comando da Base Aérea de Florianópolis, sucedendo ao Cel. Aviador Luiz Carlos Avelar.

.....
— 23 DE JANEIRO — Uma grande batida efetuada por seis comissários da Comarca resultou na detenção, ao longo desta noite, de cem pessoas, entre as quais foram encontradas armas sem licença de porte, tóxicos e documentação falsa. A ação foi coordenada pelo Comissário Nagel. A maioria desses detidos não é de Blumenau.

.....
— 25 DE JANEIRO — Este dia é dedicado ao Carteiro. Iniciou-se em Blumenau um programa comemorativo em homenagem a esses servidores e cujo programa foi elaborado pela agência local da Empresa Brasileira dos Correios e Telégrafos.

.....
— 25 DE JANEIRO — Reunem-se os Prefeitos membros da Associação dos Municípios do Médio Vale do Itajaí — AMVI.

.....
— 25 DE JANEIRO — Papa João Paulo II embarca em Roma com destino ao México, em viagem em que apresentou a pauta de seu pontificado e inaugurou a Terceira Conferência Episcopal Latino-Americana na cidade mexicana de Puebla.

.....
— 25 DE JANEIRO — É iniciada nesta noite, pelos operários da Prefeitura de Blumenau, a tarefa de retirada, das ruas 7 de Setembro, 15 de Novembro e Avenida Marechal Castelo Branco, da ornamentação natalina de 1978, que durante cerca de 70 dias deu um colorido especial ao aspecto festivo da cidade, causando aos milhares de turistas que visitaram Blumenau desde o começo de dezembro, a melhor impressão.

.....
— 26 DE JANEIRO — A imprensa blumenauense divulga com destaque, neste dia, a informação procedente de Brasília de que o município de Blumenau foi classificado em 13º. lugar entre os demais municípios existentes no país, como detentor de um elevado índice de desenvolvimento.

.....
— 26 DE JANEIRO — Fortes ventos provenientes de uma trovada que se abateu sobre Blumenau, às 15,00 horas, derrubou uma das centenárias palmeiras existentes na Alameda Duque de Caxias e que fora plantada por ordem do fundador, Dr. Blumenau, juntamente com outras 39, por volta do ano de 1876. A queda da palmeira causou entragos na marquise do prédio da CELESC, tendo causado ainda sérios danos a um automóvel de marca Volkswagen que se encontrava estacionado nas imediações.

.....
— 26 DE JANEIRO — Segundo divulga neste dia a imprensa

local, por informações prestadas pelo Departamento de Serviços Urbanos da Prefeitura Municipal de Blumenau, o citado Serviço coletou e depositou no aterro sanitário localizado em Salto do Norte, durante o ano de 1978, 13.376 (treze mil, trezentos e setenta e seis) toneladas de lixo domiciliar e comercial.

.....
— 28 DE JANEIRO — Foram iniciadas em Puebla, no México, as reuniões da III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano — CELAM.

.....
— 31 DE JANEIRO — O sr. Luiz Carlos Café, diretor da Empresa de Limpeza Pública do município de Camaçari, na Bahia, declarou à imprensa blumenauense que o sistema usado na limpeza pública urbana e o tratamento dado ao lixo doméstico e comercial de Blumenau, está servindo de modelo para estudos e aplicação em sua cidade.

.....
— 31 DE JANEIRO — A polícia prende o assaltante Orlando Vilanova, de 24 anos de idade, um dos autores do assalto à Joalheria Bayer, ocorrido no dia 9 de janeiro. A prisão deu-se em Curitiba e foi efetuada por policiais da Delegacia de Polícia da Comarca de Blumenau.

Figuras do Passado

Elly Herkenhoff

Monsenhor José Sundrup

I

Existe aqui em Joinville modesto beco lateral da rua Guilherme, em cuja placa se lê: "Rua Padre José Sundrup" -- corrutela gravíssima do nome de um dos grandes vultos de nossa história, Padre José Sundrup. Grande como pessoa humana, grande como sacerdote, grande como educador.

Nascido a 9 de julho de 1871 em Greven, na então Vestefália, Alemanha, e ordenado a 3 de abril de 1897 na catedral de Munster, o então Padre Josef Sun-

drup veio para o Brasil em setembro de 1899, a convite de D. José Camargo Barros, primeiro bispo do Paraná — a cuja diocese pertencia Santa Catarina — sendo designado a 4 de setembro de 1905 coadjutor do Padre Carlos Boegershausen, vigário de Joinville desde 1857, então já bastante idoso e cansado, após 48 anos de parquiato e magistério.

A escola fundada pelo Padre Boegershausen passou a constituir, depois da morte de seu fundador, o "Grupo Escolar Conse-

lheiro Mafra". Diante disso, o vigário Sundrup, preocupado com o ensino religioso fundou, em agosto de 1907, a sua própria escola, instalando as diversas salas em salas ou saletas alugadas, por falta de prédio adequado. Até a chegada, em janeiro de 1909, do primeiro grupo de irmãs da Divina Providência, enviadas da Alemanha a pedido do fundador para dirigirem a escola, ele próprio, Padre Sundrup, foi diretor e mestre-escola, em colaboração com o então recém-vindo professor Klemens Schmidt, o mesmo professor que iria, mais tarde lecionar línguas — alemão e francês — na Escola Complementar, anexa ao Grupo "Conselheiro Mafra".

D. Pio de Freitas, primeiro bispo de Joinville, em extenso trabalho publicado no "Álbum Histórico do Centenário de Joinville" sob o título "Desenvolvimento Religioso Católico", à p. 151 assim se expressa:

"Padre Sundrup, como era natural, se interessou pela educação religiosa das crianças e fundou para isso em agosto de 1907 a Escola Paroquial. Esta escola em seu primeiro ano funcionou com 32 alunos, no segundo ano com 85 alunos. No ano de 1909 vieram as irmãs da Divina Providência para tomar conta da escola e a matrícula subiu para 243 alunos.

Para esta escola construiu a primeira parte do prédio que hoje existe. Sua construção foi começada nos princípios de 1914 e o prédio era inaugurado a 5 de julho do mesmo ano. A obra cus-

tou 27.500\$000, dos quais o sr. Oscar Schneider adiantou 25.000\$000 a juros de 5% ao ano, resgatáveis à razão de ... 1.500\$000 por ano".

Uma das primeiras alunas da Escola Paroquial, a senhora Helena Theiss Rauch, publicou há alguns anos na imprensa local interessante trabalho sob o título "Reminiscências" e, referindo-se às irmãs, professoras da escola, a certa altura diz o seguinte:

"No início elas tiveram dificuldades. Para poderem sobreviver, tiveram que fazer muita economia e eu acho que muitas vezes elas passaram por penúria. Sei que meus pais as ajudaram bastante em suas necessidades, pois era na casa de negócios de meu pai, João Theiss, que elas faziam suprimento".

Conta a autora também que, certa vez, tendo uma das irmãs perdido o seu guarda-chuva e não podendo comprar outro, por absoluta falta de dinheiro, os alunos da classe se reuniram, cada um ajudou e assim foi possível presentear a irmã com um guarda-chuva novo, no dia de S. Vicente.

Acrescentemos ao depoimento de D. Helena Theiss Rauch a evocação de outra ex-aluna da "Escola do Padre" de Joinville:

"Parece que ainda estou vendo diante de mim a figura do padre — alto, magro, os olhos fundos, rosto de quem nunca se alimenta suficientemente, a batina surrada, remendada, larga demais para a magreza do corpo — o padre dos passos firmes nos calçados reconicionados, o padre dos gestos

decididos e das mãos generosas que nunca, nunca deixaram de ajudar a quem quer que implorasse a sua ajuda, e que muitas vezes ofereceram as alianças aos noivos que se apresentavam para a cerimônia do casamento, sem alianças e sem meios para adquiri-las...

Este foi o início — modesto e difficilimo — de um dos maiores e mais conceituados estabelecimentos de ensino da Cidade, o atual “Colégio dos Santos Anjos” que, sobre sólidos alicerces, vem funcionando há 70 anos, em beneficio de várias gerações de joinvillenses.

D. Pio de Freitas, em seu referido trabalho, afirma que os 11 anos de paróquiato do Padre Sundrup foram ilustrados por diversos fatos de relevância e apresenta um quadro estatístico referente ao ano de 1916, quando a paróquia contava, conforme cálculo do Padre Sundrup, 9.500 fiéis, dos quais 3.000 na cidade. Houve no mesmo ano 447 batizados, 84 casamentos, 13.800 comunhões, 110 uncões e viáticos e a escola paroquial foi freqüentada por 425 alunos.

Sendo de confissão evangélica a grande maioria dos imigrantes e descendentes de imigrantes arraigados em Joinville, é evidente que, dos 9.500 fiéis existentes em 1916, apenas uma parte se compunha de católicos “de língua alemã”, entre os quais se incluíam, não apenas austríacos e suíços, mas também católicos oriundos de países da Europa Central, muitas vezes eslavos bilingües ou

então bálticos, que dominavam o alemão, além da língua e seu país de origem. Nessas circunstâncias, peculiares não só de Joinville, mas de todas as colônias fundadas por alemães no Brasil, o bilingüismo do vigário era, efetivamente, condição “sine qua non” para o seu perfeito relacionamento com a totalidade de seus paroquianos e o cabal desempenho de sua missão.

É ainda D. Pio de Freitas quem diz, em seu referido trabalho:

“Com estes e outros melhoramentos, que a brevidade deste escrito não permite enumerar, entregou P. Sundrup em novembro de 1917 a paróquia a P. Weicherding, que a administrou temporariamente, até a chegada do terceiro vigário”.

Corria, pois, o mês de novembro de 1917...

Em agosto de 1914 havia estourado a I Guerra Mundial na Europa e a 28 de outubro de 1917 o Governo Wenceslau Braz se viu forçado, pelas circunstâncias, a participar do conflito, declarando guerra à Alemanha. Conseqüentemente foi proibido o uso do idioma alemão, não só na imprensa do País, mas também nos lugares públicos — entre os quais, evidentemente, se incluem as igrejas.

Difícil — se não impossível — a reconstituição dos acontecimentos que induziram Padre Sundrup a se retirar de sua paróquia e de sua cidade, após 11 anos de fecundas realizações, que insculpiram o seu nome, indelevelmente, entre os grandes vultos de nossa história. (CONTINUA)

A vida social e recreativa em nossa Colônia

Tradução do Jornal Blumenauer Zeitung por Franz Brack

Livro 1 — Datado em 25/08/1883

Nº. do jornal 35 — faltam os artigos nºs. 34 e 33

“Foi grande o número de participantes à Sociedade de Atiradores não apenas da cidade, como também dos moradores das colônias visitantes. Com a participação dos imigrantes e daqueles novos que vinham imigrados aumentava o número de atiradores. Poucos foram os que não participavam das festas tradicionais de tiro. A vida social da sociedade muito ativa, sempre atraía mais sócios, com o que a sociedade muito cedo também tinha os seus representantes de Gaspar, Itajaí e Desterro. Também constituía-se num intercâmbio muito amigável com a Sociedade de Atiradores de Brusque, que dista 6 horas daqui, o que se manifestava na realização das festas através das visitas mútuas. Em tais ocasiões também as senhoras dos sócios participavam do intercâmbio, o que também para elas sempre representava um motivo de muita alegria como também e acima de tudo uma tranquilidade de ver a sua outra “cara metade” sob as vistas e controle. Até hoje manteve-se este intercâmbio.

Nos primeiros anos de vida da Sociedade houve muita alegria, muito humor e acima de tudo não havia distinção de classes. A situação de simplicidade da própria sede contribuía para que sempre houvesse maior aproximação entre os sócios os quais também não pararam com as suas mensalidades, contribuições pessoais, para que o desenvolvimento não fosse prejudicado. Foi aquela época na qual predominava a linguiça (salsicha) nas barracas e que juntamente com os demais tipos de linguiças e geléias de carnes muito salgadas, provocavam muita sede e conseqüentemente era muito aumentado o consumo da cerveja doce que era muito barata. Foi aquela época em que a espada do comandante foi respeitada como verdadeiro “santuário”. Quem roubava esta espada era condenado a morte, cujo o castigo naturalmente era convertido a uma grande doação de cerveja.

O comandante era levado a uma galeria onde se achava preso bugre que comia ovos e salsichas cruas. (Este bugre durante a festa, sob o grande espanto dos presentes e gritos das mulheres fugiu da sua jaula, misturando-se com os moradores da colônia já meio civilizado, e acabou casando-se com uma jovem alemã.) Outros divertimentos ainda se realizavam e a alegria fazia com que se obtivesse bom faturamento para a sociedade.

Tanto para os velhos como para as gerações novas estes diver-

timentos se consagravam em verdadeiras festas populares, porque todo o programa se realizava nas dependências da sede, exceto os stands de tiro, que estando franqueados ao público, muitas vezes tornavam-se pequenos demais.

Também as crianças tinham divertimentos, a elas dispensava-se especial atenção com corridas como as de saco, trepar pau, e uma infinidade de outros divertimentos concentrando grande número de crianças, em disputa de prêmios que eram gentilmente ofertados.

No ano de 1869 a Sociedade festejava 10 anos de existência. Muita gente tomava parte nos festejos. O programa oficial não sofria alterações. Apenas o tiro ao alvo fixo foi substituído por um alvo volante com a forma de um porco. Alvo de estrela e balões eram outras novidades de tiro.

O ponto alto da festa deveria ser os fogos de artifícios, porém, após a explosão de alguns foguetes todo o conjunto montado foi tomado pelas chamas, e o pirotécnico juntamente com o seu auxiliar, tiveram que sacrificar o seu paletó com todas decorações para salvar-se a si mesmo, e para não serem vítimas dessa fogueira.

Se não nos enganamos, parece que, por ocasião desta festa foi inaugurada a construção da sua nova sede, que tinha as suas carreiras de tiro, as quais por ocasião dos bailes muito rapidamente podiam ser transformadas em uma espaçosa varanda. Além do bar, era o salão bastante grande para dar lugar aos pares da dança. As decorações foram feitas com chifres artificiais e o palco no fundo deveria servir para apresentações teatrais e outras.

O pátio, além da varanda tinha uma balança grande, cancha de bolão rodeado de árvores, que apresentava um lindo lugar de lazer.

Com essa construção, achava-se tremendamente sacrificada a caixa da sociedade, de modos que as mensalidades tinham que ser reajustadas, e muito pesadas aos sócios. Como a nova sede oferecesse todas as condições de festividades, algumas outras entidades de classes se distanciaram, principalmente os que vinham de longe, o que veio reduzir consideravelmente o número dos sócios, sem no entanto prejudicar o conceito e objetivo da sociedade.

Os sócios demissionários, principalmente da colônia, e que foram os mais velhos e antigos revoltaram-se e organizam-se novamente com a fundação de 5 novas sociedades de atiradores em vários distritos da colônia. Eles organizavam as suas festas à sua maneira e seus costumes, sendo que dentro delas não permitia-se a diferença de classes. Devido as distâncias pouco se sabe sobre a vida destas sociedades". (Observação: Faltam os jornais da sequência).

Subsídios Históricos

Coordenação e Tradução: Rosa Herkenhoff

Excertos do “Kolonie-Zeitung” (Jornal da Colônia), publicado na Colônia Dona Francisca, Joinville, a partir de 20 de dezembro de 1862.

Notícia de 19 de agosto de 1865:

Blumenau. — Pelo aviso de 30 de junho, o diretor da Colônia, Dr. Blumenau, foi autorizado a completar, durante o ano financeiro de 1865/66, o número de imigrantes que faltam para perfazer a quantidade estabelecida pelo aviso de 21 de dezembro de 1863.

Notícia de 30 de agosto de 1865:

Blumenau. — Semelhante a outras colônias, também na nossa se procura conseguir um artigo de exportação, conveniente e lucrativo como tabaco, araruta, algodão, etc. No entanto, será muito difícil incentivar o cultivo, produzir boa qualidade e encontrar mercado para o mesmo. O algodão, neste clima úmido não dará bom resultado. O tabaco e a araruta talvez se prestem, mas, boa qualidade, grandes quantidades e mercado, são os três fatores que ainda faltam. Para o açúcar e a aguardente há maior probabilidade quanto à venda, mas para uma produção em grande escala, há necessidade de capital e muita mão de obra e o primeiro, sobretudo, falta na maioria dos casos.

Notícia de 30 de setembro de 1865:

Colônia Brusque, 5 de setembro. — Mal nos dão um pouco de sossego os bugres, que há muito nos incomodavam, eis que surge outro elemento que põe em perigo a segurança dos habitantes e de suas propriedades. São os desertores que, provavelmente, fugindo do Desterro, juntaram-se aqui e agem agora como assaltantes. Onde quer que se passe pela estrada, pode-se esperar que um desses indivíduos surge no caminho, pedindo primeiramente fogo, depois exigindo dinheiro. E, em caso de recusa, de repente saltam mais três, quatro, cinco indivíduos do mato, tomando o dinheiro a força. Nenhum morador da Colônia deixa a sua casa, sem estar armado de uma pistola bem carregada, como já estávamos acostumados a fazer em viagens para locais mais distantes, por causa dos bugres. E, além disso, essa gente ainda nos traz moléstias. Um dia, logo de manhã, um colono encontrou dois negros doentes de varíola, diante da porta de sua casa, os quais afirmavam, que pretendiam morrer ali. Quando o colono respondeu que isto ele não podia permitir e chamou o médico, os doentes se negaram a aceitar ajuda e continuaram a dizer que desejavam morrer. Pelo menos foram carregados para den-

tro de casa e depois de pouco tempo faleceram.

Há mais ou menos quatro meses, passaram por Santa Catarina 76 novos imigrantes, que foram contaminados no Desterro, alastrando-se o mal entre algumas famílias. Não era, felizmente, a varíola, mas sim a varicela, que

logo passou sem maiores perigos e não contaminou mais ninguém, entre os colonos, com exceção de uma única mulher.

.....

A coleção completa do "Kolonie Zeitung" faz parte do acervo do Arquivo Histórico Municipal de Joinville.

O Teatro em Blumenau IV

Edith Kormann

No dia dez de novembro de hum mil novecentos e trinta e cinco foi lançada a pedra fundamental do novo teatro.

Em 1937 a Sociedade recebeu a escritura definitiva do terreno, que foi adquirido de vários herdeiros: Arthur Rabe, Leopoldo Rabe, Leopoldo Weise, Ilse Weise, Clara Nienstedt, Ernesto Nienstedt e Frederico Rabe. Na ocasião, a diretoria da Sociedade Dramático-Musical "FROHSINN" era integrada pelos Senhores: Curt Hering, presidente; Rudolf Klein, tesoureiro e Paul Koch, secretário.

"LIEDERKRANZ" — À 26 de maio de 1909, no salão de festas do então Hotel KATZ, foi fundada a Sociedade com o nome de "KLUB UNTER UNS" (Clube entre nos) mais tarde denominada "Liederkrantz". A ata da fundação desta Sociedade foi lavrada por Rudolf Damm, conhecido poeta e escritor blumenauense. Na ocasião foi eleito presidente do "Liederkrantz" o Sr. Richard Max Grothe e como dirigente do coro o Sr. Carl Flesch. O primeiro concerto realizou-se no dia 9 de junho de 1909. Até a data do seu primeiro aniversário a Sociedade já tinha realizado onze apresentações públicas. Exerceram o cargo de presidente, pela ordem, os senhores: Richard Max Grothe, Richard Meyer, Ludwig Reinhardt e Franz Becker. Foram dirigentes do coro, pela ordem, os senhores: Carl Flesch, Josef Schwartz, Josef Teichmann, Ernst Drawin, Kurt Boettner e Heinz Geyer.

A Sociedade Teatral "FROHSINN" (24-6-1860) e a Sociedade "LIEDERKRANZ" (26-5-1909), fundiram-se em 1936 na Sociedade Dramático-Musical "FROHSINN".

No dia 30 de maio de 1936 após a fusão, a Sociedade encenou a peça "PRECIOSA", dirigida pelo maestro Heinz Geyer. No dia 16 de agosto de 1936 foi eleita a nova diretoria da Sociedade que ficou assim constituída: presidente-Curt Hering, tesoureiro-Rudolf Klein, secretário-Paul Koch, diretor-Nany Poethig, maestro-Heinz Geyer. Represen-

tantes do Grupo Teatral: Franz Nietzsche, Walter Werner, H. Kaulich, H. Lohr e Helmuth Kreuzer. Representantes do Coral: Franz Becker, H. Lenz, H. Froeschlin, H. Webel, Franz Hering e Julio Baumgarten.

Em 1937 foram novamente encenadas as peças: "Die Dorfmusikanten" e "Die Logenbrueder". Após estas apresentações, o segundo conflito mundial impediu a continuidade das atividades teatrais, visto a proibição do idioma alemão. Somente os concertos sob a regência, do maestro Heinz Geyer continuaram a ser apresentados.

No dia 12 de fevereiro de 1939, a Sociedade Dramático-Musical "FHÖHSINN" reestruturou-se sob a denominação de Sociedade Dramático-Musical "Carlos Gomes".

O prédio do suntuoso teatro, cuja pedra fundamental fora lançada em 10-12-1935, chegou ao seu término, sendo inaugurado no dia 1º.-7-1939 (primeiro de julho de mil novecentos e trinta e nove), fazendo parte do programa de inauguração um concerto sob a regencia do maestro Heinz Geyer. Continua...

Florestas vivas, humanidade sadia

Muito oportuno foi o trabalho realizado pelo Assessor do Meio Ambiente da Prefeitura de Blumenau, professor Alceu Longo ao defender a criação de incentivos econômicos por parte dos poderes públicos, à iniciativa privada que mantém parques e reservas florestais e nos quais são preservados a flora e a fauna.

A atuação do representante de Blumenau deu-se por ocasião do Terceiro Congresso Brasileiro de Botânica realizado em Campo Grande - Mato Grosso do Sul, entre os dias 21 e 27 de janeiro último.

Alceu Longo representou a AEMA e o Departamento de Ciências Naturais da FURB e seu trabalho intitula-se "Papel da Iniciativa Privada na Preservação da Flora em Blumenau". Nesse trabalho, Longo analisou as iniciativas da Indústria Textil Companhia Hering e do sr. Udo Schadrack, que mantém parques e grandes áreas florestais dentro do município, com recursos próprios e sem auxílio de qualquer órgão público.

O citado Congresso, promovido pela Sociedade Botânica do Brasil, reuniu cerca de um mil congressistas, especialistas de todo o País e de países vizinhos. Foram apresentados mais de 200 trabalhos, cuja sede foram as dependências da Universidade Estadual de Campo Grande.

Como vemos, o interesse e a preocupação de nossos técnicos e de autoridades nacionais para com a preservação das reservas florestais e sua ampliação está aumentando dia a dia. Todos entendem hoje que Florestas vivas com extensas áreas verdes, significam a existência humana mais sadia.

FRITZ MÜLLER NA MEMÓRIA DA CIDADE

Lauro Eduardo Bacca

No próximo dia 31 de março comemoraremos mais um aniversário de nascimento de Fritz Müller, ocorrido em 1822. Este sábio, que teve seu papel de destaque no cenário científico mundial do século passado, merece de nossa parte todo o reconhecimento possível e a cidade de Blumenau não tem falhado quanto a este aspecto.

Com efeito, depois do Dr. Blumenau, poucas são as figuras do nosso passado que tem recebido tantas homenagens quanto o sábio Fritz Müller, que aqui viveu de 1852 a 1897, exceto onze anos que passou em Desterro, capital da Província.

Fritz Müller tem seu nome emprestado à uma rua, uma praça com vistosa estátua e à nossa importante Biblioteca Pública Municipal. Também seu túmulo, simples e sem qualquer símbolo religioso, permanece até hoje bem cuidado pela comunidade evangélica da cidade.

Apesar de todo esse reconhecimento à notável figura deste cientista, no entanto, permanecia em quase completo abandono, o museu e a casa que o abrigava, a mesma onde morou Fritz Müller em Blumenau, até seus últimos dias. O prédio estava a ponto mesmo de ruir, quando foi restaurado pela nossa Prefeitura Municipal, que retomou à si o encargo de manter o museu. (A FURB antes, havia iniciado sua restauração, mas em vista de uma série de dificuldades, inclusive financeiras, os trabalhos seguiam com muita morosidade).

Com a reabertura do Museu Fritz Müller, em 6 de setembro último, o mesmo passou a ser denominado "Museu de Ecologia Fritz Müller" se efetivando assim a nossa mais importante homenagem à este sábio, pois trata-se de uma entidade que tem como um dos seus objetivos básicos a divulgação de sua vida e de sua obra. Em outras palavras, uma entidade que procurará fazer com que os blumenauenses e demais interessados saibam não só que existiu aqui "um cientista importante", vendo seu nome e estátua em logradouros públicos, mas que conheçam QUEM realmente ele foi, o que FEZ e o que REPRESENTOU e ainda REPRESENTA para o cenário científico mundial e, paralelamente, para a história de Blumenau. Uma modesta primeira exposição no museu está montada de formas que o visitante interessado já possa ter esta noção de quem foi Fritz Müller.

Quanto à denominação "Museu de Ecologia", justifica-se com dois pontos de vista: Em primeiro lugar, Fritz Müller tem muita coisa a ver com Ecologia. Seus estudos em muitos casos, tiveram cunho essencialmente ecológico. Também Fritz Müller mantinha assídua correspondência com Ernst Haeckel, o próprio criador do termo Ecologia. Em segundo lugar, está programada para curto e médio prazo, a atuação direta do Museu na área desta Ciência, isto através de expo-

sições, assessoramento às Escolas da Região, intercâmbio com outras entidades e apoio à nossa Assessoria Especial do Meio Ambiente. Também a Ecologia Aplicada não será esquecida, tanto em exposições internas, quanto externas, inclusive ao vivo, nos pátios do Museu.

NOVAS INSTALAÇÕES PARA A ESCOLINHA DE ARTES E O CORAL CAMERATA VOCALE

Uma das iniciativas mais oportunas dos últimos anos, adotada pela Secretaria de Educação e Cultura da Prefeitura Municipal de Blumenau, foi, sem dúvida, a da criação da Escolinha de Artes, destinada à descoberta e o aprimoramento das vocações artísticas desde a mais tenra idade. Tanto e tão bem foi se desenvolvendo o trabalho sistemático e dedicado dos que ficaram incumbidos deste trabalho que a Escolinha cresceu e o número de crianças matriculadas aumenta a cada ano.

Pelo Departamento de Cultura da mesma Secretaria, também foi incentivada a formação de um coral mixto, o qual denominou-se de Camerata Vocale. Hoje, este coral já é muito conceituado nos meios artísticos e culturais de Santa Catarina, graças à dedicação de seus componentes e à capacidade de seu dirigente.

Em razão dos fatos ora citados, tornou-se necessário dar melhores condições à que tais iniciativas pudessem ter o seu desenvolvimento sem os impecilhos de instalações deficientes, com precárias condições.

A Escolinha de Artes vinha funcionando com 150 alunos em dependências do Colégio Normal Sagrada Família. O coral Camerata Vocale tinha seus ensaios marcados em residências dos próprios integrantes, A Galeria Municipal de Artes, também mantida pela Prefeitura, tinha sua sede no bairro Ponta Aguda.

O Prefeito Municipal Dr. Renato Vianna, sempre voltado para as necessidades de ampliação das atividades culturais blumenauenses, às quais nunca negou seu apoio e incentivo, atendeu com entusiasmo à sugestão partida da Secretaria de Educação e Cultura, para que, num só local, fosse possível reunir a Galeria Municipal de Artes, o coral Camerata Vocale e a Escolinha de Artes, possibilitando, com isso, um maior envolvimento comunitário das pessoas atuantes nos três setores mantidos pela municipalidade. O propósito foi firmado e agora a oportunidade apresentou-se de modo auspicioso, quando a Prefeitura alugou um prédio de construção típica existente à rua Angelo Dias, no centro da cidade.

No citado prédio, estas três atividades culturais blumenauenses passarão a funcionar de agora em diante, para alegria de todos aqueles que as integram e registrando ademais, um novo e elevado ponto positivo do Poder Executivo blumenauense em favor da cultura de sua gente.

ESTANTE CATARINENSE

por Carlos Braga Mueller

SANTA CATARINA/TEMPOS DE ANGÚSTIA E ESPERANÇA, de Fernando Marcondes de Mattos — Edição do Autor, 1978.

Fernando Marcondes de Mattos, que é professor de Economia Catarinense na Universidade Federal de Santa Catarina, é, também, um apaixonado por este tema. Prova disso é a sua extensa bibliografia, onde despontam livros, teses, conferências, coletâneas de artigos, e muitos outros trabalhos, todos constituindo um valioso auxiliar para aqueles que se detenham a estudar as transformações e tendências do porquê industrial catarinense, e, por conseguinte, a nossa economia.

Agora, com este “Tempos de Angústia e Esperança”, o autor coletou o que classifica de “subsídios para um programa de governo”, enfeixando, nas duzentas páginas da obra, os capítulos “O Homem”, “O Meio”, “As Regiões”, “As Variáveis”, “O Setor Agrícola”, “O Setor Industrial” e “A Ação”.

E convenhamos que este é um estudo muito bem feito sobre os nossos problemas.

Tópicos do livro, no capítulo “O Meio”: “. . . não podemos assistir passivamente a transformação das nossas praias em verdadeiros esgotos públicos, . . . a exploração comercial abusiva do solo urbano, . . . a multiplicação incrível dos veículos que se apoderam das cidades e até das calçadas em detrimento dos pedestres”.

Além de estudioso, o autor é realista, como o demonstra quando trata das regiões de Santa Catarina, e mais especificamente, de Blumenau:

“Há menos de duas décadas o município de Blumenau superava a produção de Joinville. E hoje o que se vê, como consequência exclusiva das estruturas apontadas, é o produto industrial de Joinville ultrapassar o de Blumenau. Já em 1965, no trabalho “Transformações e Tendências do Parque Industrial Catarinense”, previmos essa desfavorável evolução para Blumenau. Na ocasião apontamos a imperiosa necessidade, que hoje ratificamos, aliás como temos feito reiteradamente, de o Vale do Itajaí incorporar ramos dinâmicos ao seu parque industrial, sem o que o menor crescimento relativo deverá persistir. É possível também que todos estejam conscientes do fato e a atual evolução seja considerada aceitável, com receio talvez da diversificação e de um eventual desequilíbrio no mercado de trabalho, tendo em vista a estrutura industrial existente”.

E continua Fernando Marcondes de Mattos:

“Nossa opinião é de que Blumenau deve lutar pela liderança es-

tadual e, neste caso, tem que seguir o caminho que estamos sugerindo. Empresários da mais alta qualificação do País, o Vale do Itajaí os têm suficientes. Da mesma forma, é valiosíssima sua mão-de-obra operária”.

Análises deste tipo, o autor faz das várias regiões catarinenses, subsidiando, realmente, aos interessados.

Vale destacar o caráter beneficente deste livro: o lucro, na sua totalidade, será destinado às obras assistenciais ao menor pobre da capital, através da Sociedade Alfa-Gente. Esta entidade proporciona alfabetização pré-escolar, nutrição e trabalhos comunitários à nada menos de 584 crianças pobres.

A opinião dos que nos visitam

Registramos, neste número, mais algumas impressões de turistas que, procedentes das diversas regiões brasileiras e sul-americanas, estiveram visitando a Fundação “Casa Dr. Blumenau” e manifestaram-se sobre o que viram em nosso Museu e no Parque Botânico Edith Gaertner.

— Passar por Blumenau e não visitar o Museu da Família Colonial, seria o mesmo que “ir a Roma e não ver o Papa”. - Y. Tomazetti - São Paulo.

*

— É uma vergonha para este país que, tão poucas cidades tenham uma iniciativa meritória como a de Blumenau, ao fazer seu excelente Museu. Que este exemplo frutifique e o Brasil acorde, resolvendo preservar sua memória como tão bem esta cidade o fez. - Clóvis Pacheco - S. Paulo.

*

— Um abraço do povo capixaba e mineiro a todos que visitam este museu que nos causa orgulho. - Eliete e Nilton - Minas.

*

— É realmente um lindo Museu e Blumenau é também uma cidade belíssima. - Marta Flores S. Lima - Rio.

*

— Blumenau é uma cidade encantadora. Conservem-na sempre assim - Márcia Reis - Distrito Federal.

*

— Parabéns a Blumenau pelo carinho com que guarda, o acervo de sua história. - W. Chaves - Rio de Janeiro.

*

— O mais importante é zelar pelas coisas que foram úteis à alguém no passado, e no presente servir de orientação e muita expect-

tativa no futuro. Parabéns ao povo de Blumenau. - Silvio Cabral de Weller - Uberlândia - Minas Gerais.

*

— Gostamos muito da cidade e seu povo. Tudo maravilhoso. Valeu a pena a viagem tão longa. O museu é simplesmente uma das tantas coisas bonitas aqui existentes. Parabéns. - Mozart, Mariazinha, Fernanda, Denise, Noêmia, - Campo Grande - Mato Grosso do Sul.

*

— Achamos a cidade um barato; curtimos muito, gostamos do Museu e achamos o povo muito bacana. Aqui vai um PARABÉNS ao povo daqui. Tchau... Somos de Campo Grande - Mato Grosso do Sul. - Fernanda e Noêmia.

*

— A cidade é limpa e o povo é civilizado. Parabéns, povo de Blumenau. - Santos Dumont Guimarães e Família - Araxá - Minas Gerais.

*

— Adoramos tudo aqui. É muito bonito. Foi o primeiro Museu que visitei e me interessei. Blumenau é linda. Cláudia, Lúcia e Zilá, Cyntia, Angélica e Junior. - Brasília - DF.

*

— Gostamos muito. Este Museu pode ser comparado ao Museu Julio de Castilhos de Porto Alegre. - R. C. Leal - Porto Alegre.

*

— Um povo só pode orgulhar-se de seu progresso, quando não deixa de lado as suas tradições históricas. Não se concebe pensar apenas no presente, pois é verdade incontestemente que as maiores nações sempre tiveram a preocupação primordial, nas suas formações históricas, o passado, o presente e o futuro. Rendo o meu voto de louvor aos nossos predecessores e a minha admiração ao Museu Colonial, que cultua os seus antepassados. Blumenau, 9/2/79 - Professor Armando Varisco (Universidade do Vale do Rio dos Sinos) - São Leopoldo - R. G. S.



FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal Nº. 1835, de 7 de abril de 1972
Declarada de Utilidade Pública pela Lei Municipal nº. 2028 de 4/9/74
Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal, 425
89100 B L U M E N A U Santa Catarina
Instituição de fins exclusivamente culturais

São objetivos da Fundação:

Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;
Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;
Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;
Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;
Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;
Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;
A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

A Fundação "Casa Dr. Blumenau", mantém:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"
Arquivo Histórico
Museu da Família Colonial
Horto Florestal "Edite Gaertner"
Edita a revista "BLUMENAU EM CADERNOS"
Tipografia e Encadernação
(exclusivamente para serviços internos)

Conselho Curador: *Contabilista Elimar Baumgarten* - presidente
Jornalista Honorato Tomelim vice-presidente

Membros: *Jornalista Altair Carlos Pimpão* - *Prof. Antônio Boing Neto* -
Comerciante Arno Letzow - *Advogado Beno Frederico Weiers* -
Repres. Comercial Heinz Hartmann - *Prof. Nelo Osti* - *Prof.*
Olívio Pedron - *Repres. Comercial Otto Iaczynski e Indus-*
trial Rolf Ehlke

Diretor Executivo: *José Conçalves*

A CADA ESTAÇÃO, UM NOVO SUCESSO.



As malhas Hering, leves e macias, dão liberdade de movimentos no verão.

Afastam o tédio e a tristeza nos dias outonais.

De puro algodão com fio penteado, aquecem carinhosamente no inverno.

Como a primavera, são coloridas e alegres.

Passa o ano todo com MALHAS HERING.

Scriba

 malhas
Hering